

248 - AGROEXTRATIVISMO DE CIPÓS NO AMAPÁ: UMA COMPLEMENTAÇÃO DE RENDA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR OU UMA GARANTIA DE SUBSISTÊNCIA PARA OS AGRICULTORES DESASISTIDOS?

Luciano Araújo Pereira¹; Ana Rita Rodrigues Vieira²; Maria José Reis³.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é levantar o número de agricultores e famílias envolvidas na extração de cipós no distrito de Cupixi (Porto Grande/AP), bem como a influência do extrativismo no aumento da renda destas famílias. A região escolhida possui uma população de aproximadamente 400 famílias, sendo entrevistadas 43 delas. Foram efetuadas entrevistas semi-estruturadas e estruturadas. Poucas famílias desta região são nascidas no Amapá, destas, apenas 27,96% dos entrevistados. 93% dessas famílias admitiram que o extrativismo do cipó-titica é um complemento significativo na sua renda familiar. A maioria das famílias entrevistadas vê o cipó-titica como uma alternativa viável para o acréscimo de sua renda familiar - com uma crítica a falta de políticas agrícolas do governo, e, principalmente, criticando a forma que o estado coíbi a coleta efetuada. Grande parte das famílias chega a retirar cerca de 100 kg de cipós/dia, e 40% dessa produção é perdida - incluindo aí a retirada dos nós, da casca e do excesso de água das fibras.

PALAVRAS-CHAVE: cipó, cipó-titica, etnoecologia, renda familiar.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 20 anos, o mundo viu aprofundar-se o debate sobre a sustentabilidade dos recursos naturais e uma corrida sem precedentes para o desenvolvimento de políticas que norteassem os governos de todos os cantos do mundo a desenvolver mecanismos que incentivassem práticas de extrativismo vegetal.

Muitos têm sido os pesquisadores em âmbito internacional, que têm publicado trabalhos abordando o tema do extrativismo. A febre do momento é desenvolver técnicas que viabilizem a extração de resinas, óleos, ceras, etc,

¹ Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC -
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas,
luciano.araujo@iepa.ufsc.br.

² Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Dra.
Prof. Adjunta do Departamento de Fitotecnia.

³ Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Dra. Prof. Aposentada.

contrapondo-se à posição de alguns pesquisadores, que apostam no fim da atividade extrativista no mundo, principalmente na Amazônia brasileira.

A escassez de emprego e de renda, combinada com a falta de políticas governamentais que alavanquem a agricultura familiar amazônica, tem feito deste tema, um dos principais elementos dos discursos de grande parte dos pesquisadores, que se preocupam com o bem estar e a sobrevivência do homem amazônida.

No aspecto ecológico, não é difícil convencer qualquer pesquisador sério, da importância do extrativismo, quando o discurso vem acompanhado do tema fome e sobrevivência de trabalhadores, especialmente neste momento, no Brasil, devido a nova política governamental de "Fome Zero". Os mais sensíveis aos problemas sociais em geral, tentam alternativas de trabalho e renda para os que padecem do mais básico direito do ser humano que é matar a fome de sua família.

Entretanto, o problema da fome e da miséria naquela região não se resolverá, nem de longe, somente com soluções paliativas como entrega de cestas básicas, programas assistenciais de renda mínima (a chamada bolsa-família), mas com políticas que além de mover a economia local, mudem hábitos já arraigados de desilusão, baixa estima provocados pelos desmandos da política agrícola regional. Torna-se necessário conhecer de perto a real situação da agricultura, dos atores sociais e seus principais problemas do dia-a-dia.

Minha investigação vai nessa direção, tendo como objetivo, em linhas gerais, analisar aspectos relativos à extração de um certo tipo de cipó nas florestas do estado do Amapá, como detalharei mais adiante. A pesquisa, em andamento, tem vista a elaboração de minha dissertação de Mestrado em Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Não proponho pensar o conceito de extrativismo, contudo, apenas na perspectiva de mega transações comerciais nacionais e internacionais, como a definida por LECURE et al. (1997), que defende um extrativismo em que os sistemas de exploração dos produtos da floresta são voltados para a venda em mercados regionais, nacionais e internacionais. Pretendo abordar este tipo de prática numa perspectiva que reconhece haver mercado de compra e venda também local, sendo que neste mercado, além da venda de cipós in natura,

também existe um mercado que comercializa a produção artesanal local, capaz de se organizar, principalmente com a intervenção do estado, para a possibilidade de exportação dos produtos elaborados pelos artesãos da própria região.

Do ponto de vista ecológico, a extração de cipós, representa uma atividade de baixo impacto na floresta (DURIGAN, 1998), uma vez que não se retira, na grande maioria das vezes, a planta-mãe da copa das árvores, pois o produto que se extrai é apenas a fibra da raiz aérea. A extração é uma atividade praticada na Amazônia há pelo menos 100 anos (LECURE et al, 1997; PEREIRA et al, 2000) e apesar da intensificação de coleta sofrida atualmente, nota-se a possibilidade de sustentabilidade da espécie quando bem manejada, além de acompanhada a sua extração pelo poder público em conjunto com a comunidade.

O extrativismo de cipó tem sido uma atividade que continua a fazer parte dos sistemas produtivos locais, sendo possível afirmar que um papel de suma importância na renda familiar dos agricultores. No Amapá tem alavancado grande parte da economia local, onde cerca de 40 toneladas de cipós saem por mês do estado, sendo hoje uma alternativa de renda para parte dos amapaenses.

O cipó-titica [*Heteropsis flexuosa* (H.B.K.) G. S. Bunting], é uma liana pertencente à família Araceae, que geralmente os botânicos têm grandes dificuldades em classificar taxonomicamente (MORI, 1997; GRENNARD et al., 1997). No entanto, em termos genéricos, é facilmente reconhecido pelos seus órgãos vegetativos. Distinguindo-se de outras famílias pela presença de uma inflorescência com espádice, envolta por uma espata herbácea verde ou variadamente colorida (BUNTING, 1979). Sua raiz, que é utilizada pelos caboclos para a confecção de artesanato, tem grande importância na captação de nutrientes para suprir as necessidades metabólicas, uma vez que as raízes grampiformes existentes, somente fixam a planta ao forófito⁴.

Para compreender a dinâmica de extração do cipó-titica no Amapá, usarei como ferramenta de análise, a etnoecologia que tem sido uma vertente da antropologia associada à ecologia, com grande importância no estudo dos

⁴ O mesmo que planta hospedeira.

fenômenos que envolvem os seres humanos e as suas interferências em relação à natureza.

Para TOLEDO (1992), a etnoecologia é o estudo dos saberes dos camponeses, tendo como principal objetivo verificar as representações e as práticas envolvidas neste processo. Ao estudarmos uma comunidade, seja ela tradicional ou não, precisamos compreender a dinâmica de acúmulo e transmissão de conhecimento efetuado de pai para filhos, elencando não só as práticas por eles efetuadas, mas descrevendo as várias tecnologias empregadas pelo grupo envolvido e o grau de interação efetuado nas várias interfaces do processo de construção do conhecimento.

O estudo sobre o acúmulo de conhecimento efetuado pelos agroextratores amapaenses, tem uma história recente. Aprofundar esse estudo é a principal tarefa a que me proponho, buscando contribuir para a compreensão das técnicas envolvidas no processo de coleta e extração de cipós naquele estado. Paralelamente, e como em de seus objetivos específicos, busquei levantar o número de agricultores e famílias envolvidos na extração de cipós na região do Cupixi (Porto Grande/AP) e a influência do extrativismo no aumento da renda destas famílias.

MATERIAL E MÉTODOS

A região escolhida para fazer o levantamento está localizada as proximidades do Cupixi, distrito de Porto Grande no estado do Amapá, no trecho entre os quilômetros 42 e 100 da rodovia Perimetral Norte.

A população envolvida é de cerca 400 famílias e o universo pesquisado foi de 43 famílias (geralmente com a presença do esposo, esposa e filhos) – que representa aproximadamente 10,5% das famílias da região em estudo.

As famílias entrevistadas em sua grande maioria são oriundas de outros estados da federação (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pará, Paraná e Goiás), sendo que do universo entrevistado, apenas 12 eram naturais do Amapá, representando apenas 27,96% deles.

Foram utilizadas as técnicas de entrevistas semi-estruturadas e estruturadas, seguindo as normas de pesquisa social proposta por Minayo (1997), sendo que do universo pesquisado, 34,88% dos entrevistados foram ao acaso.

RESULTADOS PRELIMINARES DA INVESTIGAÇÃO

Do levantamento efetuado, verificou-se que 93% das famílias entrevistadas admitiram que tem no extrativismo do cipó-titica um complemento significativo na sua renda familiar.

Para 83,72% do universo entrevistado (dos 43 atores sociais), a roça e a coleta de cipó representa seu grande meio de sobrevivência, o que demonstra ser o extrativismo uma atividade de suma importância para a renda familiar.

Quando foram indagados sobre a importância do cipó-titica e outros cipós em relação a seu percentual na renda familiar, os números são impressionantes. Das famílias entrevistadas, 32,55% afirmam que o cipó chega a ser 20% da sua renda familiar; 34,88% afirma que sua renda familiar é acrescida entre 40% e 50% do total e 25,57% que sua renda familiar é acrescida entre 60% e 80%. Estes dados deixam no ar uma certa preocupação de quem estuda o extrativismo local, da possibilidade de rápida extinção do cipó na região e, no mínimo, a diminuição significativa de fibras para a confecção dos artesanatos locais.

Grande parte das famílias entrevistadas, portanto, vê o cipó-titica como uma alternativa viável para o acréscimo de sua renda familiar, criticando a falta de política agrícola e a forma de coibir a extração efetuada pelos órgãos ambientais (SEMA, Batalhão Ambiental e IBAMA), que dificulta ou elimina a última forma viável de sobrevivência para as famílias, levando-se em conta que a agricultura de subsistência (mandioca, milho, feijão, arroz, etc), além de não ter um bom preço no mercado local, é totalmente incapaz de competir com os produtos de outras regiões brasileiras. A retirada de cipós, entretanto, é uma atividade lucrativa (pelo menos para suprir as necessidades básicas), pois grande parte das famílias chegam a retirar cerca de 100 kg de cipós por dia (o quilo de cipó hoje encontra-se a R\$2,00 descascado e seco), apesar de a cada 100 kg, cerca de 40% se perder, incluindo a retirada dos internós, da casca e do excesso de água da fibra.

REFERÊNCIAS

- BUNTING, G.S. **Sinopsis de las Araceae de Venezuela**. Rev. Fac. Agron. Maracay, Venezuela. v.10, n. 1-4, p.139-290. 1979.
- DURIGAN, C.C. **Biologia e Extrativismo do cipó-titica (*Heteropsis spp.* – Araceae) – Estudo para Avaliação dos Impactos da Coleta sobre a Vegetação de Terra-Firme no Parque Nacional do Jaú**. 1998. 52f. Tese (Mestrado) – Universidade do Amazonas, INPA, Manaus.
- GRENAND, P.; JAQUEMIN, H.; MORETTI, C. **Pharmacopés Traditionnelles en Guyane Créoles, Palikur, Wayãpi**. [S.l]: Editions de l'Orstom, 1987.
- LECURE, J. P. E., et al. Povos e produtos da floresta na Amazônia Central: o enfoque multidisciplinar do extrativismo. In: VIEIRA, P. F.; WEBER, J. (Orgs). **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento - Novos desafios para a pesquisa ambiental.**, São Paulo: Cortez, 1997. p. 433 a 468.
- MORI, S.C. et al. **Vascular Plants of Central French Guianas**. New York: Memoirs of the New York Botanical Garden, 1997. 422p.
- PEREIRA, L.A.; CESARINO, F. et al. Levantamento das Araceae do Amapá enfatizando o cipó-titica (*Heteropsis flexuosa*) visando o manejo sustentado da espécie: Estudos preliminares. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE**, 2000, Fortaleza. Anais do Congresso Brasileiro de Meio Ambiente. Fortaleza: 2000. p.32.
- TOLEDO, V. M. "What is etnoecology: cinco reflexiones acerca de las 'ciencias campesinas' sobre la naturaleza con especial referencia a México". In: **Etnoecológica**, México v. 1., 1992. pp. 5-21.